



ENSINO-APRENDIZAGEM DE LINGUA INGLESA NA UNIVERSIDADE ABERTA À MATURIDADE: EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO E INTERAÇÃO SOCIAL NA TERCEIRA IDADE

Edglayton Barreiro de Vasconcelos

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

edglayton@gmail.com

Elyonara Ferreira Borges

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

elyonarafborges@gmail.com

Karyne Soares Duarte Silveira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

karyne.soares@gmail.com

O presente trabalho trata-se de um estudo de caso sobre uma experiência de ensino-aprendizagem de língua inglesa em uma classe de alunos da terceira idade da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB - *Campus I*). Dentre as motivações para a realização deste estudo, destacamos: o reconhecimento da utilidade de uma língua estrangeira como forma de ampliar o conhecimento e habilidades de interação resultando em uma prática de inclusão social; assim como a percepção do papel da comunidade acadêmica para com a sociedade, neste caso, apoiando o projeto da UAMA de inserir idosos em atividades acadêmicas e culturais. Neste sentido, nosso estudo tem como objetivo geral analisar o caráter inclusivo e interacional do ensino-aprendizagem de inglês para idosos da UAMA. Para isso, estabelecemos como objetivos específicos: (i) verificar como a oportunidade de estudar inglês na UAMA é percebida pelos alunos; (ii) examinar o fator emoção nas relações interpessoais em sala de aula; e (iii) identificar as implicações da metodologia de ensino e do material didático utilizados no processo de inclusão e interação dos alunos. Os dados desta pesquisa foram gerados a partir de relatos dos alunos em relação a essa experiência de ensino-aprendizagem, da sequência didática elaborada pelos professores, bem como de relatórios reflexivos sobre as aulas ministradas no referido contexto. Fundamentamos o nosso estudo nas teorias de Pizzolato (1995), no que se referem a reflexões sobre o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras na terceira idade, além das contribuições de Boianoski e Fernandes (2006) e Borges (2016), sobre os aspectos emocionais e cognitivo-biológicos que devem ser considerados na adaptação de metodologias de ensino voltadas ao idoso, assim como a dimensão social desse processo, entre outros aportes teóricos. Os resultados deste estudo revelam a importância do caráter contextualizado e personalizado do curso de inglês para idosos, considerando, sobretudo, suas necessidades cognitivas e emocionais, como forma de promover a interação e a inclusão social desse grupo de alunos.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem, Língua Inglesa, Terceira Idade.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o grupo de indivíduos pertencente à denominada Terceira Idade (homens e mulheres a partir dos 60 anos) tem emergido com grande potencial para aprender e produzir graças a instituições e programas que acreditam na necessidade da reintegração através do compartilhamento de saberes entre a pessoa idosa e os mais diversos âmbitos da sociedade, garantindo, sobretudo, seu direito à educação.

Dentre os demais direitos assegurados ao idoso (vida, segurança, saúde), especificamente quanto à educação, o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) incentiva a criação de Universidades Abertas, nas quais as atividades desenvolvidas devem ser adaptadas às necessidades dos idosos, bem como às suas limitações e expectativas. No caso dos materiais educacionais desenvolvidos, por exemplo, o documento legal esclarece sobre a importância de levar em consideração a limitação visual da pessoa idosa, como forma de atendê-los adequadamente.

Diante desse contexto, como professores em formação do Curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), realizamos o presente estudo a partir de um projeto de extensão universitária, no qual ministramos aulas de inglês para alunos da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA). Nosso estudo tem como objetivo principal analisar o caráter inclusivo e interacional do ensino-aprendizagem de inglês para idosos da UAMA. Para isso, estabelecemos como objetivos específicos: (i) verificar como a oportunidade de estudar inglês na UAMA é percebida pelos alunos; (ii) examinar o fator emoção nas relações interpessoais em sala de aula; e (iii) identificar as implicações da metodologia de ensino e do material didático utilizados no processo de inclusão e interação dos alunos.

A fim de embasar este estudo, trazemos as contribuições de Pizzolato (1995) e Boianoski e Fernandes (2006), dentre outros autores. Pizzolato (*op. cit.*) preocupa-se em compreender e explicar a construção do processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira para alunos idosos. O autor acredita que (1) a empatia tem um lugar significativo neste contexto e (2) é essencial adaptar a forma de ensino para que os alunos possam alcançar o sucesso na sua aprendizagem. Boianoski e Fernandes (*op. cit.*), por sua vez, mencionam algumas características biológicas e cognitivas (tais como problemas de memória e atenção) que devem ser considerados no ensino-aprendizagem de língua estrangeira para idosos, além de explicitarem a dimensão social desse processo na vida da pessoa idosa. Outros autores serão mencionados para embasar nossa análise de dados.

A seguir apresentamos a metodologia utilizada nesta pesquisa, logo após analisamos os dados obtidos e, por fim, traçamos as considerações finais deste estudo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é caracterizada como uma pesquisa-ação de cunho qualitativo, pois, de acordo com Moreira e Caleffe (2008), uma pesquisa-ação é uma intervenção de pequena escala em um determinado contexto específico, em outras palavras, é um teste muito perto dos efeitos desta intervenção.

A pesquisa-ação pode ser considerada ainda como um estudo autoavaliativo, já que durante o processo de intervenção alterações podem ser feitas, tais modificações “são continuamente avaliadas, pois o principal objetivo é melhorar a prática” (MOREIRA e CALEFFE, 2008, p. 90)

Por esses motivos, essa pesquisa também é considerada como qualitativa, pois os dados gerados apresentam-se em categorias não contáveis. Interessa-nos, portanto, compreender aspectos mais abstratos do processo de ensino-aprendizagem presentes no contexto em questão.

Quanto ao contexto de nossa pesquisa, esclarecemos que a UAMA é um projeto da UEPB (*Campus I*), criado através da Coordenadoria Institucional Especial para a Formação Aberta à Maturidade (CIEFAM), com o objetivo de promover autonomia e melhorar a qualidade de vida do cidadão na maturidade, “visando não apenas a produção do conhecimento, mas um aprendizado voltado para o desenvolvimento, a inclusão social, o protagonismo, a ampliação e atualização dos saberes, promovendo no indivíduo um olhar ampliado e uma nova perspectiva acerca de si mesmo e da realidade que o cerca”¹.

O curso tem duração de quatro (4) semestres e conta com disciplinas voltadas para as especificidades regionais e específicas do público-alvo. O Grupo de Convivência foi criado para alunos egressos da UAMA, mas hoje é aberto a idosos da sociedade em geral. Neste Grupo de Convivência, além de outras disciplinas adicionais, foi implantado o curso de inglês para idosos com o objetivo de promover melhoria na qualidade de vida e inclusão social através do aprendizado de língua estrangeira, neste caso o inglês.

A turma de inglês do Grupo de Convivência do *Campus* de Campina Grande tem hoje mais de 30 alunos com mais de 60 anos de idade e de esferas sociais bastante heterogêneas, como alunos da zona rural e urbana, aposentados ou economicamente ativos, de diferentes

¹<http://coordenadorias.uepb.edu.br/ciefam/>, acesso em 02/09/2016.



áreas como professores, mecânicos, agricultores, músicos, dentistas, donas de casa etc., e em diferentes níveis de letramento, de semialfabetizados a graduados. As aulas de inglês acontecem uma vez por semana com duração de duas horas e são ministradas por dois professores extensionistas sob a orientação de uma coordenadora e professora do curso de Letras-Inglês da UEPB (*Campus I*). A metodologia do curso está pautada na Abordagem Comunicativa, que, de acordo com Richards e Rodgers (2001), se preocupa mais com a função comunicativa da língua do que com a sua estrutura. Para isso adotamos a sequência didática que será descrita no final desta seção.

Em relação aos dados de nossa pesquisa, informamos que foram produzidos, primeiramente, a partir da análise de relatos escritos fornecidos por 13 alunos² ao final do primeiro semestre do curso, nos quais eles escreveram sobre suas expectativas, resultados alcançados e mudanças observadas através do estudo da língua alvo. Esclarecemos, entretanto, que para fins deste trabalho não foi possível incluir excertos dos relatos de todos os alunos, tendo em vista as limitações de extensão do próprio artigo.

A segunda técnica de coleta de dados utilizada nesta pesquisa foi a sequência didática (SD), seguindo o modelo proposto por Dolz *et al* (2004). Para os autores, uma SD é “um conjunto de atividades escolares organizadas sistematicamente, em torno de um gênero oral ou escrito” (*op. cit*, p. 96). O principal objetivo foi proporcionar aos alunos a oportunidade de fazer uso adequado de determinado gênero textual e, dessa forma, se comunicar em inglês. O material foi planejado para atender as necessidades e objetivos específicos do grupo, trazendo modificações quanto ao conteúdo e estética, que visavam sempre o propósito da inclusão e interação social através do aprendizado de inglês.

Por último, utilizamos relatórios produzidos pelos professores após cada aula constando as impressões e reflexões sobre as aulas ministradas e cada planejamento realizado.

ANÁLISES E DISCUSSÕES

Nesta seção analisamos os dados produzidos ao longo desta pesquisa, sendo estes recolhidos por intermédio dos relatos escritos dos alunos, da sequência didática desenvolvida e dos relatórios reflexivos elaborados pelos professores participantes.

²Ao longo deste trabalho nos referimos aos nossos alunos por meio de pseudônimos, como forma de preservar suas identidades.

Dividimos nossa análise em três subseções: na primeira verificamos como a oportunidade de estudar inglês na UAMA é percebida pelos alunos; na segunda examinamos o fator emoção nesse contexto de ensino-aprendizagem em relação à interação social da pessoa idosa; e, por fim, identificamos as implicações da metodologia de ensino e do material didático utilizados no processo de inclusão e interação dos alunos.

4.1 A percepção do aluno idoso quanto ao aprendizado de inglês como Língua Estrangeira

Sabe-se que nas últimas décadas, diante dos esforços de instituições e programas inclusivos, a pessoa idosa passou a ganhar espaço na sociedade, isto é, a imersão desse grupo nos mais diversos âmbitos da sociedade, sejam eles educacionais, profissionais, entre outros. Sendo assim, instituições tais como UEPB, ciente das suas responsabilidades em responder às demandas sociais, tem promovido projetos inclusivos através de uma coordenadoria especial para a inclusão da pessoa idosa. Tal posicionamento é fruto da crença acima exposta: o idoso está cada vez mais ganhando espaço nas esferas sociais.

Compreendemos e concordamos com Valente (*apud* BOIANOSKI e FERNANDES, 2006) ao afirmar que a aprendizagem é de fato contínua, pois essa certeza evita que preconceitos que taxam o idoso como um ser incapaz de (re) aprender saberes sejam mantidos. Entendemos que o cérebro, como órgão responsável pela aprendizagem, através do processo de plasticidade, readapta-se e capacita o indivíduo mais velho a aprender e reaprender (BOIANOSKI e FERNANDES, 2006), dando-lhe a oportunidade de interagir com a sociedade através do compartilhamento de saberes (educacionais, artísticos, culturais, etc.). Para o idoso, por sua vez, essa realidade proporciona a melhoria da sua qualidade de vida tanto em termos físicos (estimulando a plasticidade cerebral) quando sociais, que é o que nos interessa particularmente nesta subseção. Boianoski e Fernandes (2006) advogam, ainda, que:

A sociedade contemporânea, preocupada em aproveitar o potencial destes idosos e lhes dar a oportunidade de continuarem inseridos no contexto educacional, viu a criação de várias Universidades Abertas da Terceira Idade, que tem por fim resgatar o idoso para o convívio e integração sociais através de uma atualização cultural e assim, **valorizar o idoso e melhorar sua qualidade de vida a partir do momento em que contribui para que eles compartilhem seus sonhos, idéias e retomem a prática de construir projetos de vida, conquistando assim de volta uma posição importante no seio da família e da comunidade** (p.1115, ênfase adicionada).

Tais sonhos, ideias e projetos de vida são representados também pelo desejo de aprender uma língua estrangeira, no nosso caso, o inglês.

Na sala de aula descrita na presente pesquisa, os alunos relatam o desejo de aprender inglês mesmo antes do início do curso. A oportunidade de aprender um novo idioma, oferecida pela universidade veio atender a tal desejo, já que para alguns alunos ter aulas de inglês na terceira idade era algo inimaginável. Como o aluno Antônio descreve em seu relato: “O curso de Inglês para mim foi maravilhoso, jamais passou pela minha cabeça que em minha vida ainda teria uma experiência tão importante em meus dias”.

O Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) em seu capítulo V assegura ao idoso o direito à educação de qualidade, que, por sua vez, representará um instrumento de revalorização e reinserção da pessoa idosa na sociedade. Concordamos com Boianoski e Fernandes (2006) que a implantação da garantia à educação “É uma demonstração do reconhecimento da educação permanente como instrumento eficiente para a valorização e reconhecimento do idoso como um cidadão atuante, participativo e por isso merecedor de atendimento com qualidade.” (p. 1114).

Além disso, para os alunos da UAMA, aprender inglês na terceira idade os ajuda a (re) construir suas próprias identidades, pois estes percebem que se comunicar em outro idioma não trata-se apenas de usar palavras deste idioma, mas de fato exercer o papel de agente de interação social. A aluna Elisabeth agradece, em seu relato, pela oportunidade concedida enfatizando que essa experiência lhe faz sentir-se “gente”: “Parabéns pela paciência, e por fazermos sentir gente.”

Por fim, a interação promovida na sala de aula, isto é, nas atividades de prática da língua (trabalho em duplas, construção de diálogos, etc.) propostas pelos professores, assim como o uso da língua além da sala de aula (em viagens ao exterior, eventos religiosos internacionais, etc.) revelam o caráter inclusivo do aprendizado de inglês como Língua Estrangeira.

4.2 A emoção na sala de aula promovendo a interação social

Como afirma Pizzolato (1995), o professor de língua estrangeira quando inserido em uma sala de aula na qual os alunos são pessoas pertencentes à terceira idade deve estar disposto a ser empático e permitir que os sentimentos dos alunos fluam livremente. É preciso ter em mente que esse grupo de alunos apresenta a necessidade de compartilhar o que sentem, em outras palavras, de terem voz e, sem medo, expressarem seus sentimentos. Por isso, o professor deve estar atento a essa nítida presença das emoções em sala, e permitir que tal característica favoreça as motivações internas e externas dos alunos para o contexto de aprendizagem.



Nos relatos dos alunos palavras como “carinho”, “atenção”, “paciência” em relação ao comportamento dos professores na interação na sala de aula revelam que a proximidade e que esse perfil do professor geram nos alunos segurança, respeito e conforto.

A aluna Elisabeth verbalizou no relato seus agradecimentos pela forma com a qual os professores a tratam, mencionando inclusive que tal comportamento a faz sentir-se valorizada, ou “gente”, em suas próprias palavras, vejamos:

Elisabeth: Sentir-me com alto astral, orgulhosa de estar em sala de aula novamente [...] É muito bom, sentir-se valorizada estudando com professores de alto gabarito [...] Parabéns pela paciência, parabéns pela educação, parabéns pela paciência e por nos fazer sentir gente. OBRIGADA.

É necessário ao professor “enxergar cada um dos alunos com olhares de empatia e carisma” (trecho retirado do relatório reflexivo referente à aula 4 ocorrida em 17/03/2016), tal comportamento desencadeia no respeito que a pessoa idosa precisa, e dessa forma, acreditamos que a interação e inserção social da pessoa idosa acontece quando há de fato um cuidado e respeito ao perfil desse grupo de alunos.

No relatório da última aula do primeiro semestre do ano de 2016, registramos a nossa impressão sobre o comentário da aluna Joana em relação à afetividade entre o professor e o aluno. A aluna compartilhou em sala que os professores foram pacientes e cuidadosos, o que a ajudou a não desistir do curso. A seguir apresentamos o registro do nosso relatório reflexivo:

O fator afetividade e memória foi muito enfatizado [durante o *feedback* geral e coletivo dos alunos aos professores] . Isso nos provou que, em um contexto de ensino como na UAMA, o afeto é indispensável. O testemunho de Joana comprovou que a paciência, o carinho e a aproximação física/afetiva do professor contribuíram para o aprendizado dela, e de muitos outros também.

Tal comentário confirma a razão pela qual as necessidades emocionais dos alunos idosos devem ser levadas em consideração, pois de maneira mais abrangente teremos de fato a inclusão social destes por meio de um aprendizado de língua, isto é, quando os próprios alunos reconhecerem que aprenderam a língua e que a sua relação com o professor serviu como um caminho positivo rumo à aprendizagem efetiva.

Aqui nós podemos traçar um aspecto afetivo muito importante no aprendizado de língua estrangeira: a empatia. A interação entre professor/aluno e aluno/aluno nesse contexto deve ser pautada por muita empatia, pois como garante Pizzolato (1995), o fator empatia ajuda aos alunos a se engajarem emocionalmente, de forma positiva também, na aula, promovendo assim o que o autor chama de “bem sucedida aprendizagem” (p. 51).

Além da relação entre alunos e professores, há também a possibilidade de a relação aluno-aluno interferir de maneira positiva na interação social através do aprendizado de línguas. De acordo com Pizzolato (1995, p. 97):

[...] além do aspecto aprendizagem, as aulas de inglês para a terceira idade servem aos alunos como uma tentativa de eles não ficarem à margem da sociedade, ou seja, restritos aos cursos que a sociedade julga serem os mais adequados a eles, tais como pintura, bordado, culinária, etc.

Em outras palavras, o ensino-aprendizagem de língua estrangeira promove a interação social dentro do grupo (entre os próprios idosos) assim como fora do grupo, isto é, eles podem interagir com a sociedade, não apenas por estar estudando inglês, mas porque a língua em sua essência promove comunicação, e assim, interação entre indivíduos.

A sala de aula de inglês na UAMA é composta por uma heterogeneidade bastante nítida por parte dos perfis dos alunos, aspecto este evidenciado desde as primeiras reflexões escritas feitas pelos professores. Entretanto, ao contrário do que se possa imaginar, essa mistura de *backgrounds* educacionais e sociais dos alunos promove dentro da sala de aula um ambiente de respeito e ajuda mútua que desencadeia na ativação de bons sentimentos, ou comportamentos emotivos que ajudam de fato o aluno idoso na aprendizagem.

As atividades em duplas ou em grupo nos mostraram que os alunos, motivados pela alegria de estar inseridos em uma sala de aula de língua estrangeira, se sentem confortáveis e satisfeitos, pois todos ali compartilham do mesmo desejo de interagir entre si usando um novo idioma.

4.3 As implicações da metodologia de ensino e do material didático no processo de inclusão e interação dos alunos

Sabemos que os alunos de língua inglesa não são todos iguais, eles têm objetivos e perfis distintos, conhecimento prévio que pode variar muito de um aluno para outro e vários outros fatores que podem tornar os grupos bastante heterogêneos. Consequentemente, os grupos podem se tornar também bastante peculiares dependendo do contexto, faixa etária, objetivos, etc. Por isso, acreditamos que a metodologia de ensino e o material didático devem atender às necessidades e objetivos de cada grupo, podendo ser alterado e/ou adaptado à medida que essas necessidades e objetivos também forem se modificando.

Além disso, quanto mais o professor observar atentamente seus alunos, no dia a dia da sala de aula, mais apto estará para identificar essas necessidades e objetivos específicos, assim



como dificuldades e aptidões que devem ser levados em consideração na preparação de uma aula.

No caso desta pesquisa, cujo trabalho baseia-se na elaboração e aplicação de uma sequência didática, acreditamos que ter a possibilidade de preparar o próprio material didático direcionado a um grupo em particular é um fator facilitador do processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Dolz *et al.* (2004), a sequência didática (SD) permite ao professor reavaliar constantemente os avanços dos alunos e preparar a próxima aula em continuidade com as anteriores e em direção ao objetivo final do curso. A SD também possibilita o uso de vários recursos didáticos, como áudios, vídeos, textos, fotos etc., que podem ser nela inseridos desde que estejam direcionados ao mesmo objetivo pedagógico.

A escolha dos materiais e recursos usados deve levar em conta os objetivos do curso, neste caso sua função inclusiva, pois os alunos devem se identificar com o material, se reconhecer nas figuras, textos, exemplos, assuntos abordados etc.

Citamos, como exemplo, o gênero textual utilizado na aula do dia 28 de abril de 2016, na qual a imagem representativa é de uma pessoa idosa e as atividades descritas no texto são atividades relacionadas aos gostos dos próprios alunos, ou seja, atividades pertencentes à realidade dos alunos e significativas para estes.

Name: BETÂNIA AZEVEDO

City: João Pessoa, PB, Brazil

Age: 67 years old

Occupation: Retired journalist

Like: to watch TV in free-time, to go shopping, to read a lot, go to the cinema, to travel, Chinese food, to listen to jazz music.

Don't like: Sports, football, pets.

Personality: *Organized, conservative, reserved and sometimes competitive*



Aula do dia 28 de abril de 2016 sobre personalidade (Sequência Didática, p. 22)

No processo de elaboração do material didático, é preciso levar em conta as especificidades de um grupo de alunos dessa faixa etária, pois conforme alerta Pizzolato



(1995, p. 14), “[a] velhice corresponde à fase da vida humana em que alguns traços da senilidade, tais como a diminuição das acuidades visual e auditiva, tornam-se mais aparentes” Assim, tendo em vista que as habilidades de ver e ouvir são essenciais para o aprendizado, entendemos que o material deve ser elaborado de modo a compensar essas dificuldades, através do uso de letras maiores nos projetores, imagens mais nítidas e contraste adequado de cores.

Esses aspectos podem ser verificados ao longo da SD, como resultado dos relatórios reflexivos realizados após cada aula pelos professores, que tratam entre outros aspectos, da escolha do tamanho das fontes e cores para os *slides* e da opção em reduzir ao máximo a quantidade de informação em cada *slide* para manter a clareza do campo visual, o mesmo ocorrendo nos materiais impressos disponibilizados aos alunos, como *handouts*, textos de apoio e tarefas de casa.

Os *handouts*, por exemplo, são resumos de uma sequência de aula sobre determinados temas e assuntos gramaticais e vocabulares. Neles os alunos recebem essas informações de maneira prática, clara e organizada em sessões, isto é, na sessão de vocabulário, por exemplo, os alunos têm as palavras aprendidas ao longo da sequência de aula a qual o *handout* está relacionado e assim por diante. Dessa forma, o *handout* serve como um apoio para a memória, organização de assuntos, assim como ajuda aos alunos a não perderem tempo escrevendo as informações dos slides, permitindo que eles prestem atenção à explicação do professor.

Primando por uma abordagem comunicativa e visando uma melhor interação entre o aluno e o material usado, há espaço na SD para as contribuições dos alunos, quando ao invés de exemplos trazidos sempre prontos, os alunos contribuem com seu próprio vocabulário e atividades cotidianas e essas informações são adicionadas ao material durante a aula, personalizando a SD para o grupo e aproximando os alunos do material usado. Por exemplo, na aula do dia 10 de março de 2016, com a ajuda do slide nós apresentamos uma coluna que deveria ser completada pelo grupo com atividade que eles gostavam ou não de fazer, dessa forma construímos com os alunos frases tais como “*I like to knit*” (Eu gosto de tricotar) ou “*I don't like to wait*” (Eu não gosto de esperar).

De acordo com Borges (2016, p. 298), “[...] os alunos estarão envolvidos emocionalmente [na aula] se eles acharem o assunto interessante para eles, se o contrário acontecer, provavelmente os alunos não reterão o novo conteúdo de forma eficaz.”. Nessa perspectiva, quando nós, professores, trazemos para a sala vocabulários e assuntos referentes aos próprios alunos, nós contribuimos no envolvimento emocional destes, em outras palavras,

a personalização da aula ajuda aos alunos a se sentirem emocionalmente engajados nesta, facilitando, assim, a retenção dessas informações na memória de longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo foi evidenciado o fato de que aprender inglês na terceira idade é uma garantia de direito à educação que os idosos possuem de acordo com o Estatuto do Idoso e deve ser efetivada e apoiada pela sociedade em geral (BRASIL, 2003). Além disso, essa oportunidade pode ser considerada de fato um dos instrumentos de inclusão social dos alunos, visto que a aprendizagem continuada defendida por Boianoski e Fernandes (2006) se efetiva à medida que propostas como a da UAMA promovem o compartilhamento de saberes pelos idosos, valorizando-os como indivíduos que não devem estar à margem da sociedade, mas devem ter voz e serem ativos, sendo totalmente capazes de exercerem outras atividades que vão além daquelas que são comuns e eles.

Com o objetivo geral de analisar o caráter inclusivo e interacional do ensino-aprendizagem de inglês para idosos da UAMA, desenvolvemos este estudo particularmente interessados em: (i) verificar como a oportunidade de estudar inglês na UAMA é percebida pelos alunos; (ii) examinar o fator emoção nas relações interpessoais em sala de aula; e (iii) identificar as implicações da metodologia de ensino e do material didático utilizados no processo de inclusão e interação dos alunos.

Após a análise dos dados produzidos por meio de relatos escritos pelos alunos, de uma sequência didática e de relatórios reflexivos elaborados por nós, professores do curso de inglês na UAMA, foi possível concluir, primeiramente, que é o caráter contextualizado e personalizado do curso, fruto de uma reflexão sobre as necessidades cognitivas, emocionais e sociais dos idosos, que promove a integração social destes, desde a familiarização dos alunos com os materiais utilizados até a oportunidade de se comunicar com outras pessoas na língua alvo. Além disso, o curso parece atender às expectativas e necessidades do aprendiz maduro, à medida que, por exemplo, adapta os assuntos propostos para sala de aula à realidade dos alunos.

Por fim, cremos que o caráter emocional não deve ser desmerecido quando pensamos em (re)inserir idosos na sociedade através do ensino-aprendizado de línguas, visto que é do perfil desses aprendizes a necessidade de exporem seus sentimentos e expectativas. Além disso, o fator empatia, por parte do professor, além de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, revela o lado humanístico do processo de (re)socialização do idoso, nos levando a crer que o fato de aprender a língua inglesa vai muito mais além do que obter

conhecimentos linguísticos, mas representa um compartilhamento de saberes que promove a verdadeira inclusão e a interação na vida como um todo.

REFERÊNCIAS

BOIANOSKI, Célia Regina. FERNANDES, Paulo Henrique Capillé. **O professor de língua inglesa: ensinando a terceira idade.** 2006. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-104-TC.pdf>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

BORGES, Elyonara Ferreira. Reflexões sobre Neurociência e suas implicações para o ensino de Língua Estrangeira. In: NÓBREGA, Daniela Gomes de Araújo; SILVEIRA, Karyne Soares Duarte (org.). **Reflexões sobre o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.** Campina Grande, PB: Eduepb, 2016, p. 283- 307.

BRASIL. **Estatuto do idoso:** Lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial de Editoração e Publicações/ Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

MOREIRA, Herivelto. CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PIZZOLATO, Carlos Eduardo. **Características da construção do processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira (inglês) com adultos da terceira idade.** 1995. 258 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada com ênfase Ensino/Aprendizado de Segunda Língua e Língua Estrangeira) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1995.

RICHARDS, Jack C.; RODGERS, Theodore S. **Approaches and methods in language teaching.** 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.